



**XII Encontro da Internacional dos Fóruns e
VIII Encontro da Escola de Psicanálise dos Fóruns Campo Lacaniano**

Paris, 1 a 5 maio de 2024.

AS AMARRAÇÕES DAS ANGÚSTIAS INFANTIS

Autora: Rosane Melo, A.M.E da EPFCL e membro da FFCL-Brasil e do FCL-Rio de Janeiro, Profa da UFRRJ

1- Sub-tema: COMO FAZÊ-LA FALAR? NA CRIANÇA E NO ADOLESCENTE

“A angústia é correlativa a esse momento em que o sujeito está suspenso entre um tempo em que ele não sabe mais onde está, em direção a um tempo onde ele será alguma coisa na qual jamais se poderá reencontrar.”¹.

Freud² define a angústia como afeto que reproduz um estado diante de um antigo evento perigoso, e acentua o desamparo frente às exigências da pulsão e frente ao gozo do Outro. Essa “angústia tóxica”³, como índice da invasão do real no corpo deixa sempre um resíduo enigmático que se manifesta em tempos de crise como fracasso da separação do gozo do Outro⁴, quando se perde a “conexão entre simbólico e imaginário”⁵. Afeto sinal de todo advento do real⁶, seus efeitos estão presentes desde as primeiras vivências, na temporalidade lógica da instituição subjetiva. Fazer falar as angústias nas crianças deve levar em conta a sua vinculação com o gozo do Outro, ali onde está o “verdadeiro furo, onde se revela que não há Outro do Outro”⁷, um indicativo do quanto uma criança

¹ Lacan, J. (1956-57/1995). *O seminário, livro 4: as relações de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 231

² Freud, S. (1932-33/2008). Novas conferências de introdução à psicanálise. *32ª Conferência. Angústia e vida pulsional*. Buenos Aires: Amorrortu Ed., v. XXII.

³ Idem, p. 75.

⁴ Cottet, S. (2011). Objetos fóbicos não identificados. Em: *Ensaio de clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro, Opção Lacaniana, n. 8, pp. 128-134.

⁵ Cevasco, R. (2021). *Passo a passo: rumo a uma clínica borromeana: volume 1 de 3*. São Paulo: Aller, p. 168.

⁶ Lacan, J. (1974). “*La troisième*” – 7ème Congrès de l’École freudienne de Paris à Rome. In *Letras de l’École freudienne*. EFP, Paris, 1975, no 16, pp. 177-203.

⁷ Lacan, J. (1975-76/2007). *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.



pode estar mais próxima da “angústia do abismo, do vazio”⁸, distinguindo-se esta angústia do abismo da angústia de castração.

Na passagem do gozo do Outro ao gozo fálico, a linguagem tem uma incidência na instituição subjetiva e as marcas significantes sobre o vivente instituem o inconsciente sem sujeito com seus elementos fora da cadeia, afetando “o corpo do ser que só se torna ser pelas palavras”⁹, fragmentando seu gozo. Traços que apagam a Coisa mas não apagam esse “Um rastro de gozo” que afeta e recorta a superfície da “substância gozante”¹⁰. O inconsciente dos Uns, dos traços unários que não representam o sujeito, com “significantes numericamente ordenados”¹¹, série sim, cadeia não. Um dos efeitos da linguagem para uma criança é então transportar e transferir as experiências de gozo e permitir, a partir de alguns recursos infantis um enquadramento da angústia, a criação de um anteparo que permita salvaguardar o sujeito, sempre contando aí com os efeitos desse objeto *a* extraído do gozo do corpo e seu retorno. A coalescência entre a realidade sexual e a linguagem¹² nos sintomas aponta para a irrupção do gozo fálico, fora-do-corpo, para a possibilidade do gozo do órgão ser transportado pelos elementos de *lalíngua*.

Os objetos fóbicos transmutam a angústia em medo, mesmo que seja o *medo de um tigre de papel*¹³. Obra fabricada pelo inconsciente, o animal totêmico entra no circuito para “suprir o significante do pai simbólico”¹⁴. Quando Hans se angustia com o gozo do órgão, com o seu fazpipi, torna-se necessário um significante totêmico para enfrentar a castração do Outro, o caráter inquietante e angustiante que acompanha sua queda, acontecimento precipitador da fobia. Um significante que barre um investimento

⁸ Cevasco, R. (2021). *Op. Cit.*, p. 176.

⁹ Lacan, J. (1975/2003). ...ou o pior. Relatório do Seminário de 1971-72. Em: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 547

¹⁰ Lacan, J. (1972-1973/1985). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 35.

¹¹ Soler, C. (2012). *Lacan e o inconsciente reinventado*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, p. 59.

¹² Lacan, J. (1975). “*Conferência de Genebra sobre o sintoma*”, inédito (Conferência pronunciada em 04/10/1975 no Centro Raymond de Saussure).

¹³ Lacan, J. (1968-69/2008). *O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p.313.

¹⁴ Lacan, J. (1956-57/1995). *Op. Cit.*, p. 234.



de objeto intensificado pela identificação com o que há de mais real no sujeito. Se o sistema totêmico resultou das condições do Complexo de Édipo¹⁵ é porque ele invoca os crimes de Édipo e o perigo que se apresenta quando da tentação de ocupar o lugar de complemento fálico do Outro. Momento de uma certa crise do sujeito, uma parada frente ao abismo, que faz com que Hans não consiga ultrapassar um certo círculo de visão de sua casa, embora deseje isso. Perigo à vista, objetos não identificáveis, emergência da angústia, regressão tópica. “Eu tenho medo que o cavalo me morda”, enuncia Hans. Uma criança tem pesadelos com um monstro que quer comê-la, até que um dia sonhou com o monstro, mas desta vez lhe deu carne moída. “Este desejo que não pode ser saciado, trata-se de enganá-lo”.¹⁶ O sintoma fóbico como recurso para quem se vê ameaçado de desaparecimento, de destituição subjetiva¹⁷, carrega a possibilidade de identificar o falo em outro lugar, no significante cavalo que corta e recorta o espaço de circulação do pequeno Hans, atrela e amarra.

Encontramos no brincar outra forma, criativa e não sintomática, de admitir em algum lugar a ausência do Outro, a falta do Outro, de evitar a angústia que advém do desamparo e do assujeitamento. A criança se desmama, brinca,¹⁸ e brincar é uma modalidade de renúncia pulsional¹⁹. Como no *Fort-da*, jogo que aparelha o real, o corpo comparece brincante como solução, superação e separação, como “resposta do sujeito àquilo que a ausência da mãe veio criar na fronteira do seu domínio”²⁰. Brincarte, ato criativo que coloca em cena os elementos do mundo de uma forma nova, paradigma de uma solução infantil que sobrevive em nós. Nas construções míticas e nos contos infantis retornam o horror e a angústia de ser o que se é, corpo cedido e objeto de gozo: as crianças são enganadas, ameaçadas, maltratadas, abandonadas, sequestradas, envenenadas, devoradas. Mas dentre as respostas infantis que tratam o real, o *fort-da*, a

¹⁵ Freud, S. (1913 [1912]-/2008). Tótem y tabú. *Op. Cit.*, Vol XIII, p. 103.

¹⁶ Lacan, J. (1956-57/1995). *Op. Cit.*, p. 198.

¹⁷ Lacan, J. (1958/1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

¹⁸ LACAN, J. (1962-63/2005). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 355.

¹⁹ FREUD, S. (1920/2008). Más allá del principio de placer. *Op. Cit*, vol XVII.

²⁰ LACAN, J. (1964/1990). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p.63

XII ENCONTRO DA INTERNACIONAL
DOS FÓRUNS
VIII ENCONTRO INTERNACIONAL DA ESCOLA
DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO
LACANIANO

1 - 5 MAIO 2024

AN
GÚS
TIA

COMO
FAZÊ-LA
FALAR?



MAISON DE LA CHIMIE
28 BIS RUE SAINT-DOMINIQUE
75007 PARIS - FRANCE

construção mítica, as teorias sexuais infantis, o brincar, recriam o mundo e formulam neo-produções, sempre na tentativa de articular a solução de um problema.